GABRIEL PEREIRA

Monumentos Nacionaes

CONFERENCIA

Realisada na Sala da Real Associação de Agricultura
em 9 de maio de 1909

LISBOA
DEPOSITARIA: LIVRARIA FERREIRA
132, Rua do Ouro, 138
—
1909

MONUMENTOS NACIONAES

Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/monumentosnacion00pere

GABRIEL PEREIRA

Monumentos Nacionaes

CONFERENCIA

Realisada na Sala da Real Associação de Agricultura
em 9 de maio de 1909

LISBOA
Depositaria: LIVRARIA FERREIRA
132, Rua do Ouro, 138
—
1909

Composto e impresso na Typographia do Annuario Commercial, Praça dos Restauradores, 27 — Lisboa

Monumentos nacionaes

Senhoras e senhores:

Monumentos nacionaes, historicos, patrios, artisticos, são os edificios e os objectos que nos commemoram feitos, acções, o gosto e as crenças do que passou. A Batalha importa á historia e á arte, assim como a custodia dos Jeronymos. Uns interessam á historia da localidade, outros á do paiz, e alguns ha cuja significação vae além das fronteiras. A egreja da Graça em Santarem onde está o tumulo de Pedro Alvares Cabral importa tambem ao Brazil; a capella de S. João Baptista, em S. Roque, é documento soberbo da arte italiana do principio do seculo XVIII. São grandiosos como os Jeronymos, de Belem; pequenos, humildes, como o padrão do Campo Pequeno. São religiosos, militares, ou civis. Outros representam ainda as varias civilisações que se succederam no territorio do occidente da peninsula antes de formada a raça, a linguagem, a nacionalidade portuguesa.

1525

Em tempos antigos curou-se por vezes de salvar antiguidades patrias; por vezes se zelava da conservação dos monumentos. Em 1525 a abbadessa de Villa do Conde mandou derribar uma casa em que estavam sepulturas antigas; estavam mal abrigadas na galilé do mosteiro; ella tratou de fazer uma capella onde melhor estivessem, mais honradamente; mas esta segunda parte não constou em Lisboa, na côrte. El-rei D. João III informado do que se passava encarregou

o corregedor de Entre Douro e Minho de ir a Villa do Conde. Este informa; que viu: *Duas sepulturas grandes com vultos em cima de um homem e uma mulher sem nenhum letreiro nem escudo d'armas; consta serem os tumulos de D. Affonso Sanches, filho d'el-rei D. Diniz e de sua mulher; logo junto d'estes outros dois muimentos mais pequenos com muitos escudos n'elles na pedra lavrados com as quinas de Portugal em uma metade e cinco froles de liz de França na outra metade; dizem que são de dois filhos do dito D. Affonso Sanches;* estava tambem uma sepultura de um mestre de Santiago; outra de D. Fernando de Menezes; fóra da parte coberta da galilé, outra sepultura com escudos, quinas de Portugal e uma cruz e dizem *que é de uma filha do Conde Estabre D. Nuno Alvares Pereira que foi mulher do duque D. Affonso, filho d'el-rei D. João I; a primeira duqueza de Bragança; este muimento, me disse a abbadessa, que quando viera para ali o achara no Córo dentro, e que estava detraz das cadeiras, e que quando mandara correger o côro nom sabendo cujo era o queria mandar pôr dentro no capitulo, e asy me disse que mandava fazer uma capella com o arco para dentro, para a igreja, pera pôr n'ella os muimentos... e eu vi já a dita capella começada, e segundo meu parecer ella feita e acabada segundo a mostra que me d'ella mostraram, ellas estarão na dita capella melhor e mais honradamente que na dita galilé, ainda que se cubra como dantes.*

Vê-se como em tempo de D. João III se procedia; vê-se tambem que o corregedor era pessoa entendida e que sabia reparar; hoje infelizmente estadistas e auctoridades superiores pouco se dedicam a estes estudos; outros amôres mais estonteantes lhes captivam os espiritos.

No reinado de D. João V surge a *Academia Real da Historia Portugueza, ecclesiastica e secular;* começam a organisar estudos, e a cuidar não só da *Historia,* mas ainda das sciencias subsidiarias, da Geographia, da Archeologia, da Numismatica, da Diplomatica. Pensam mesmo, começam até a realisar a formação de inventarios de documentos que jaziam nos archivos da Corôa, dos serviços publicos e dos particulares.

O director e os censores da *Academia Real da Historia* representaram a el-rei a respeito dos Monumentos antigos, e D. João V assigna, em 20 de agosto de 1721, o seguinte alvará com disposições que se estão agora adoptando, pouco mais ou menos, nos paizes cultos.

El-rei encarrega a Academia *de examinar os monumentos antigos que havia e se podiam descobrir no reino dos tempos em que n'elle dominaram os Phenices, Gregos, Persas, Romanos, Godos e Arabios... achava-se que muitos edificios, estatuas, marmores, cippos, laminas, chapas, medalhas, moedas, e outros artefactos, por incuria e ignorancia do vulgo se tinham consumido, perdendo-se por este modo um meio mui proprio e adequado para verificar muitas noticias da veneravel antiguidade assim Sagrada como Politica; e que seria mui conveniente á luz da verdade e conhecimento dos seculos passados, que no que restava de semelhantes memorias, e nas que o tempo descobrisse, se evitasse este damno em que pode ser muito interessada a gloria da Nação Portugueza, não só nas materias concernentes á Historia Secular, mas ainda á Sagrada, que são o fim a que se o instituto dirige, a dita Academia... deseja impedir um prejuizo tão sensivel e tão damnoso á reputação e gloria da antiga Lusitania... por isto ordena que d'aqui em diante nenhuma pessoa de qualquer estado, qualidade e condição que seja, desfaça ou destrua em todo nem em parte qualquer edificio, que mostre ser d'aquelles tempos, ainda que em parte esteja arruinado; e da mesma sorte as estatuas, marmores e cippos, em que estiverem esculpidas algumas figuras ou tiverem letreiros, Phenices, Gregos, Romanos, Goticos e Arabicos: ou laminas, ou chapas de qualquer metal, que contiverem os ditos letreiros... medalhas ou moedas d'aquelles tempos, nem dos inferiores até ao reinado de D. Sebastião, nem incubram ou occultem algumas das sobreditas cousas; e encarrego ás Camaras das cidades e villas d'este reino tenham muito particular cuidado em conservar e guardar todas as antiguidades sobreditas e de semelhante qualidade, que houver ao presente, ou ao diante se descobrirem nos limites do seu districto; e logo que se achar ou descobrir alguma de novo, darão conta ao Secretario da Academia Real para elle a communicar ao Director e Censores e mais Academicos; e o dito Director e Censores... poderão dar a providencia que lhes parecer necessaria para que melhor se conserve o monumento assim descoberto... e se forem medalhas ou moedas, com figuras ou caracteres... as poderão mandar comprar... da consignação que foi servido dar para as despezas da Academia... e as pessoas de qualidade que contravierem esta minha disposição... desfazendo, occultando... além de incorrerem no meu desagrado, experimentarão tambem a demonstração, que o caso pedir, e merecer a sua desattenção, negligencia ou malicia... as pessoas*

de inferior condição incorrerão nas penas impostas pela Ordenação... aos que fundem moeda... se os achadores quizerem reduzir esses objectos a moeda corrente as Camaras serão obrigadas a compra-las e paga-las promptamente pelo seu justo valor e as remetterão logo á Academia... que mandará satisfazer ás Camaras o seu custo... Manda ainda participar este Alvará, em traslado com sello real, ás Camaras, aos Corregedores e Ouvidores. E' o alvará de 20 d'agosto de 1721.

A Academia Real de Historia publicou o inventario dos manuscriptos da casa do Conde de Vimieiro; deu pela primeira vez noticia dos altares do paganismo, assim chamaram aos dolmens ou antas prehistoricas e deu outras noticias relativas a monumentos.

1789

O bispo do Algarve, D. Francisco Gomes do Avelar, era muito illustrado, e muito bom. Elle tentou por todos os meios levantar os espiritos e erguer os corações das suas ovelhas. Vamos ver como elle pensava a respeito de monumentos; em 1789 fez a sua visitação á egreja, antigamente a Sé, de Santa Maria de Silves, e ficou vexado de ver as deturpações praticadas nos detalhes architectonicos de tão preciosa fabrica.

Vimos o estado do edificio d'esta antiga Sé; e com magoa do nosso coração reparamos que sendo o mais bem regulado templo d'esta nossa diocese, e muito veneravel pela sua antiguidade e por terem n'elle florecido, e ahi trabalhado um grande numero de virtuosos prelados nossos predecessores, e ter servido por algum tempo de sepultura ao Senhor Rei D. João II, poude a ignorancia imprudente dos administradores, que tem tido cuidado da sua conservação e fabrica, deitar a perder a sua nobreza e formosura, já demolindo, ou tirando dos proprios logares os mausoleus de alguns dos nossos predecessores e outros, já com fabricas menos bem pensadas, e até contrarias aos preceitos da arte e improprias da architectura da mesma egreja, já talhando columnas sem nenhuma necessidade, e estragando pinturas originaes e de grande estimação, e apagando inscripções summamente uteis e necessarias para o conhecimento da veneravel antiguidade, barbara imprudencia que bem merecia ter sido severamente

castigada pelos nossos predecessores nas pessoas que a commetteram... (manda) que d'aqui em diante se não faça obra alguma de maior ou menor consideração, sem que primeiro seja por Nós approvada.»

Esta instrucção é datada de Silves, 6 de dezembro de 1789. Felizmente alguns prelados actuaes, illustrados e patriotas estão consagrando attenção e cuidado aos monumentos nacionaes.

1802

Todas as funcções do alvará de 1721, ordenado em beneficio da Academia Real da Historia Portugueza, e que pertenciam ao seu Secretario, foram attribuidas ao Bibliothecario Mór da Bibliotheca Publica pelo alvará de 4 de fevereiro de 1802.

A Bibliotheca tinha sido fundada poucos annos antes. *Vendo-se a importancia de que seria não só para o conhecimento das antiguidades sagradas e politicas e para a illustração das artes e sciencias, mas para ornamento da mesma Bibliotheca, formar-se n'ella uma grande collecção de peças de antiguidade e raridade, que possa servir aos indicados fins:* não esquece o alvará mencionar as providencias necessarias assim á compra das medalhas, laminas e outros objectos semelhantes por conta da Fazenda, como á conservação dos mesmos objectos.

Effectivamente formou-se o gabinete de numismatica da Bibliotheca e começou a collecção de antiguidades, de que ainda existem restos, consideraveis, porque os objectos antigos de merecimento artistico foram entregues ao Museu Nacional de Bellas Artes.

1836

Tinham terminado as ordens religiosas; os conventos de frades entraram na posse da fazenda. O ministro do reino Mousinho de Albuquerque fez uma circular (19 de fevereiro de 1836) pedindo *informações rigorosas para se formar uma relação de todos os edificios pertencentes ás extinctas ordens regulares, e hoje encorporados nos*

bens da nação... mencionando os edificios que se tornem dignos de ser conservados e entretidos por conta do Governo como monumentos publicos.

Pouco effeito teve. Alguns conventos salvaram-se mais ou menos porque foram destinados a serviços publicos; muitos venderam-se por preços diminutos; tudo á pressa; foi uma liquidação rapida. Os conventos das religiosas foram morrendo, desapparecendo, como as monjas; arruinando-se, desabando. Foram-se as freiras, poucos conventos foram approveitados, a maior parte está em ruina, outros foram arrasados para fazer praças. Raro seria algum convento d'esses que não tivesse importancia, pelo menos, para a historia das localidades.

1858

Mendes Leal, espirito muito illustrado, era Bibliothecario Mór. A legislação do velho regimen, pouco observada antigamente, tornara-se obsoleta. Mendes Leal tentou estabelecer novas bases e regras; e n'um documento official diz: «Esses alvarás (os de 1721 e 1802) são: uma prova de zelosa solicitude e grande illustração; são ainda mais, uma precaução patriotica contra as cegas temeridades do camartello demolidor e uma salutar providencia para evitar o esperdicio e dispersão das antiguidades, exhumadas frequentemente pelo acaso, que constituem em todos os paizes a historia fragmentaria, tão efficaz em dar á sciencia esclarecimentos de toda a ordem.

N'um paiz como o nosso onde tantos povos e tantas civilisações se alternaram semeando na passagem o solo de vestigios, fôra impiedade deixar de recolher e coordenar as collectas d'este genero, preciosos elementos d'essa historia, que não só é a historia dos seculos, mas a da humanidade, e por isso tanto do passado como para o futuro.

A administração tendo tambem de zelar grandiosos padrões e formosas paginas de gloria patria escriptas no granito, no bronze ou no marmore, peccára por sacrilega incuria se lhes fosse indifferente. Não o é nenhum paiz onde a civilisação se entende. Quando o infortunio abate um povo, maior é a obrigação de guardar os brazões do seu nome, como um patrimonio santo, como conforto e como estimulo.

Isso quiz e isso ordenou a legislação que deixo citada. Infelizmente não tem sido cumprida, e muitos annos vão frustrados para este empenho de nacionalidade, de progresso e dignidade.

.....

A mudança effectuada com as novas instituições no regimen administrativo, posto que nem derogasse a legislação a que me refiro, nem obste á sua observancia, influiu seguramente para a tornar como obsoleta. Seja essa ou outra a causa, a verdade é que em geral ignoram até a existencia da lei os proprios a quem incumbe o cumprimento das suas disposições.

N'este estado o intuito deve ser resurgi-la e vivifica-la, conciliando-a com a actual organisação. Só assim se passará de deplorações estereis a efficazes applicações».

Tudo muito bem pensado; agora o que propõe? Mendes Leal: transfere para os governadores civis as obrigações que eram das camaras das cidades e villas. E os administradores dos concelhos que vigiem, tratem de monumentos, de achados, etc.

Imagina-se facilmente o que succedeu; com estes excellentes funccionarios que tem sempre trabalhos de actualidade entre mãos, e em geral nenhuma queda para estudos historicos ou estheticos.

Sobre os monumentos nacionaes pairou durante muitos annos a desolação e o acaso.

A lei actual

Por alguns annos funccionou a Commissão dos Monumentos Nacionaes, com fracos recursos, ou melhor sem recursos alguns.

Em 1898, sendo ministro das Obras Publicas, Elvino de Brito, transformou-se essa modesta commissão no *Conselho superior dos monumentos nacionaes. O museu ethnologico português* creado em 1893, foi aggregado aos serviços d'esse conselho, mas durou pouco essa situação. O regulamento da commissão, de 27 de fevereiro de 1894, foi observado e seguido.

Em 1901, sendo ministro das Obras Publicas o sr. conselheiro Vargas, procedeu-se a uma reorganisação das corporações consultivas do Ministerio das Obras Publicas; foi comprehendido o *Conselho dos Monumentos Nacionaes* que deixou de ser *superior*. Devo notar que o *superior* não ficava mal a este conselho, era uma expressão

amavel e justa, porque no conselho a grande maioria dos seus membros não pertence ao Ministerio das Obras Publicas, presta serviços por amor da arte, por dedicação á sciencia das gloriosas antiguidades patrias. Este decreto de 1901 está ainda em vigor. O conselho é composto de 31 vogaes, sendo 20 de nomeação do ministro e 11 vogaes de qualidade, entrando n'este numero os professores de architectura das escolas de engenharia e das Academias de Bellas Artes.

Para que serve o conselho?

Classifica os monumentos nacionaes sob os aspectos archeologico, historico e architectonico, e fiscalisa, superiormente, a respectiva conservação, quer os monumentos sejam propriedade do Estado quer pertençam a individuos ou collectividades.

Estuda e aprecia os respectivos projectos de conservação, reparação e restauração que lhe sejam submettidos.

Propôr, por iniciativa propria as medidas necessarias para conservação, reparação e restauração dos monumentos nacionaes. E consulta e fiscalisa, elabora monographias historicas, collige e classifica dados e documentos que possam interessar á historia da arte portugueza, etc.! etc.! e para tudo isto tem uma verba que chega para a renda da casa, e para um magrissimo expediente; nem chega para um modesto *boletim* em que se publiquem bastantes trabalhos, monographias, pareceres, que lá jazem mudos nos armarios.

O conselho tem uma commissão executiva de 5 vogaes nomeados, 2 pelo ministro e 3 pelo conselho.

Em 30 de dezembro de 1901 se passou o decreto com a declaração das bases da classificação dos immoveis que devam ser considerados monumentos nacionaes, e bem assim dos *objectos mobiliarios* de reconhecido valor intrinseco ou extrinseco pertencentes ao Estado, a corporações administrativas ou a quaesquer estabelecimentos publicos.

E' preciso considerar que os immoveis podem pertencer a differentes ministerios, ou a corporações administrativas; e ainda a particulares.

N'este decreto se trata tambem das expropriações, das servidões de alinhamento que não são applicaveis aos monumentos; sobre os objectos mobiliarios não existentes nos museus; os objectos mobiliarios classificados pertencentes ao Estado são considerados inalienaveis e imprescritiveis; os das corporações e estabelecimentos publicos, exceptuados os museus, não poderão ser restaurados, reparados nem

alienados sem auctorisação do ministro, ouvido o Conselho. E todavia quanto se tem feito! juntas de parochia, irmandades, teem vendido objectos preciosos ou estimaveis; os tapetes, então nos ultimos annos, teem sido um pratinho; aqui mesmo em Lisboa se fizeram vendas muito vantajosas!

Dispõe ainda sobre ruinas, objectos, inscripções, que forem encontrados em terreno publico ou particular, em castros ou grutas, encarregando os administradores do concelho de providenciar, participando ao Gov. Civil, etc.

Legislação para a conservação dos monumentos em differentes paizes

Em França, os decretos de 1790 e de 1792 instituem uma commissão e auctorisam despezas para a conservação. Em França, os trabalhos historicos teem largas tradições, de ha muito são cultivados por institutos e academias. Em 1834, por iniciativa de Guizot, organisou-se um *comité* com a missão de publicar os documentos ineditos da historia de França, e formar o inventario dos monumentos de arte e archeologia.

A lei de 30 de março de 1887, completada pelo regulamento de 3 de janeiro de 1889, estabelece regras de classificação.

A lei attende a objectos moveis e immoveis; estes classificam-se em

I. Monumentos megalithicos.
II. Monumentos antigos (gaulezes, gregos, romanos).
III. Monumentos da edade media, do renascimento e modernos.

Na Dinamarca ha leis de 1752, 1807, e de 1861. A commissão real trata da conservação de antiguidades, da classificação de monumentos, dispõe de verbas importantes para compras, concertos e reparações.

Na Austro-Hungria, a lei de 28 de maio de 1891 é muito completa, e até severa a respeito de monumentos em poder de particulares.

A Italia possue uma legislação importante, marcando-se-lhe a primeira data em 1462.

Em 1820 os chamados éditos do cardeal Pacca asseguram protecção efficaz a manuscriptos, documentos historicos, monumentos e objectos d'arte.

Commissões artisticas tratam de classificar objectos e de regulamentar excavações e explorações. Os objectos classificados não podem ser alienados sem auctorisação. O Estado tem direito de preferencia no caso de venda. A lei de 7 de fevereiro de 1892, determina novamente a classificação dos objectos e colleções de interesse historico e artistico.

Não esquecerei que um compatriota nosso, insigne artista, o sr. Andrade, occupa logar eminente, de ha muitos annos no comité official dos monumentos italianos.

Ainda ha pouco por uma linda estatua de arte grega, por acaso descoberta n'uma parede velha de Gaeta, o governo italiano deu um milhão de liras para evitar que ella fosse adquirida por um museu americano.

E' excusado explicar que as antiguidades classicas são uma das fontes de receita da Italia.

Na Grecia a legislação a datar de 10 de maio de 1834, segue a italiana, defendendo o mais possivel os monumentos e os objectos d'arte. Como na Italia acontece na Grecia, os monumentos e os objectos d'arte são o grande attractivo dos viajantes estrangeiros.

A Romania possue leis de 1892 sobre conservação, restauração, objectos d'arte, pesquizas archeologicas, com penalidades fortes, que em Portugal, com os nossos habitos, seriam insupportaveis.

A Hespanha farta de ser explorada, e de ver as suas raridades, os seus primores, nos museus estrangeiros, nas collecções de amadores de fóra, trata agora mesmo de cohibir o exodo dos objectos artisticos e de salvar os seus monumentos phenicios, romanos, visigodos, arabes, medievaes e da renascença, de que é ainda rica, possuindo maravilhas unicas.

A proposito vou contar um caso recente, passado em França.

O Castello de Bonaguil é interessante exemplar da architectura militar franceza na segunda metade do seculo xv. Depois da revolução franceza o castello cahiu em abandono e ruina. Passou de mão em mão, chegou a ser vendido por um sacco de nozes.

Ora Bonaguil está na municipalidade de Fumel, que é uma pequena cidade industrial.

Fumel comprou Bonaguil, que foi classificado monumento histo-

rico; começou a salvação, arranque de hervas, concerto de telhados e terraços, limpeza dos fossos. Tiveram subvenções do departamento, depois do Estado, que permittiram importantes concertos.

Hoje está salvo e Fumel tem o seu monumento historico, o castello de Bonaguil, onde se passeia e se fazem festas, e que chama os viajantes, desejosos de estudos historicos, archeologicos, e do pittoresco. (*Fermes et Chateaux*, do 1.º de abril de 1909).

Restaurar e conservar

Em todos os paizes civilisados se affirmam os cuidados, as responsabilidades, e os carinhos em salvar puras as reliquias do passado, em evitar arranjos pittorescos, suppostas restaurações que estraguem, desnaturem, falsifiquem o trabalho artistico.

Em Portugal fizeram-se innumeras barbaridades; gastaram-se grossas quantias em serenos vandalismos. Quando era muito melhor respeitar integralmente o que estava, em abrigar da chuva, arrancar hervas prejudiciaes, evitando as causas da ruina, guardando religiosamente as patinas do tempo. Melhor e muito mais barato. Porque chegam a passar á escoda as velhas silharias tirando-lhes o natural *ar*, o verniz incomparavel e inimitavel feito pelos seculos (que linda côr que tem o edificio dos Jeronymos!) a pontear relevos e estatuas, que ficam como *novas*, alterando linhas, apagando o nobre tom antigo. Ha poucos annos escodaram todos os edificios enormes do Terreiro do Paço, o theatro de D. Maria II, a Encarnação, a frontaria dos Martyres, não escapando as finas esculpturas.

Viollet de Duc o grande architecto e archeologo francez, celebre auctor da grande restauração de *Pierrefonds*, estabeleceu uma theoria perigosa: Restaurar um edificio não é conserva-lo ou repara-lo simplesmente; é estabelece-lo n'um estado completo!

Estado completo que é possivel que nunca tenha existido,

Nenhuma civilisação, nenhum povo, nos tempos idos, entendeu assim a restauração. Variava-se com o gosto da época, quer dizer, o augmento, a ampliação, o concerto, destoava do primittivo, desafinava, Por exemplo: a capella-mór dos Jeronymos destoa do corpo da egreja. Mas, diz-se agora, era verdadeira, sincera, a propria variante lhe marcava a data, e mostrava a historia do edificio.

O espirito tende a achar a verdade, a obter o conhecimento exacto. Os estudos historicos, o empenho no descobrimento das origens, das fontes, das producções artisticas, teem obrigado os espiritos á critica dos antigos monumentos, e ao desejo natural de saber como seria o original, o primitivo antes dos accrescimos e das reparações.

Restaurar! diz Viollet le Duc. Conservar, salvar da ruina! diz-se hoje: porque já se tem a experiencia do que pode fazer, do mal irreparavel que pode produzir o architecto no edificio, o pintor habil nas telas e nas taboas pintadas; prodigios de engenho talvez, mas que se arriscam muito a ser falsificações. Ainda é preciso notar que os estylos variam de povo para povo; dentro de Portugal na mesma época, no manuelino por exemplo, a arte tem manifestações diversas. O architecto encarregado d'uma restauração deve conhecer exactamente não só os estylos proprios a cada periodo de arte, mas ainda os estylos pertencentes a cada escola. E' enorme. E' impossivel, diz a critica moderna. E' ridiculo mesmo suppor perguntas como esta: Como faria Miguel Angelo, ou o Boytac, o Sansovino ou João de Castilho n'este caso? Era preciso evocar os espiritos dos antigos architectos, pintores, esculptores, para saber o que elles fariam ou projectariam fazer; sem duvida uma bella aspiração, mas positivamente um perigo. Com a theoria de Viollet le Duc não ha saber ou engenho capazes de salvar as obras de arte do arbitrio; e o arbitrio é n'este caso uma falsificação, uma ratoeira aos vindouros, e mentira aos contemporaneos.

Camillo Boito, nas suas *Questões praticas de Bellas Artes* (Milão 1893), expõe bem esta importantissima questão de restaurar e conservar. «O cumulo da habilidade d'estes sabios, diz elle, consiste em que o novo pareça antigo, de modo que o antigo e o novo se confundam».

Entre nós tem-se praticado esta habilidade: fazer tudo *novo*, fazer desapparecer até o tom antigo, tão nobre, que o tempo dá aos marmores e cantarias.

Ora Boito citando um proverbio oriental: «é vergonha enganar os de agora, maior vergonha enganar os vindouros», condemna a theoria de Viollet le Duc por levar fatalmente á falsificação, por não ser facil encontrar *genios* em qualquer parte, e por destruir elementos de trabalho, talvez actualmente sem valor, mas a que, é possivel, o futuro, ou uma *nova sciencia* dê alto merito. Nada de destruir o que está, salvar da ruina apenas, amparar, limpar, tirar raizes, tapar

fendas, lavar com agua; e quando fôr indispensavel mexer ou alterar, tirar antes da obra photographias, plantas, alçados, todas as representações graphicas possiveis.

Para apreciar o monumento é preciso ser sabio e artista, ver a importancia archeologica, a apparencia pittoresca, a belleza architectonica. E' preciso, diz elle no seu enthusiasmo d'artista, o cuidado delicado do amor, da ardente caridade.

Eu comparo monumentos, quadros, objectos d'arte ou de valor historico aos velhos pergaminhos; não quero rasuras, emendas, interpolações, quero o texto tão ingenuo e sincero como a antiguidade o legou, com as suas falhas, manchas e dobras; tratar de salvar, de impedir o progresso da ruina.

Dois espiritos considerados superiores nos tempos modernos, *Renan* e *Ruskin*, se manifestaram energicamente contra as restaurações. O primeiro nas *Melanges d'histoire et de voyages* tem um capitulo interessante *Vinte dias na Sicilia*, ahi a proposito do mosteiro chamado *La Martorana*, edificio arabe-normando-byzantino carregado de addições de varias épocas e estylos, que tratavam de aniquilar, elle considera: *sendo o gosto mudavel quem poderá aspirar a fixal-o? Agora destroe-se o seculo* XVII, *dizem que é insipido e sem caracter; quem me dirá a tendencia do futuro, e se o seculo* XIX *não será tratado de vandalo?... ha uma só maneira de não ser tratado de vandalo, é a de nada destruir, é deixar os monumentos do passado taes como estão.*

Ruskin tem um capitulo sobre *A conservação dos monumentos*, no seu livro celebre *As sete lampadas da architectura*. Para elle a restauração é destruição, é impossivel restaurar o que quer que seja bello e grande; considera que estando o acabamento na superficie, apagada esta, a restauração faz-se ao acaso. Pode o novo trabalho ser melhor que o antigo, não é o mesmo, será uma imitação. Elle condemna o que em tempos viu na propria Italia, a restauração do baptisterio de Pisa, da Casa d'Oro em Veneza, e em França, a da cathedral de Lisieux; ficaram imitações frias, desgraciosas. O que se tem feito é *desprezar os monumentos e depois querem restaura-los. Com algumas folhas de chumbo collocadas a tempo nos tectos, limpando canos e algerozes das folhas seccas e das poeiras accumuladas teriam salvado primores d'arte... e não se perturbem com o aspecto de uma linha de ferro, ou de uma escóra rude, uma moleta serve mais que uma perna cortada. Nada de substituições mentirosas. Não*

temos direito de tocar nos monumentos. Não nos pertencem; elles são d'aquelles que os fizeram, e das gerações que hão de seguir-se a nós.

1838

Apparece o escripto de Herculano *Monumentos patrios;* fez bulha a prosa severa, energica do historiador; por vezes feria as notabilidades locaes e geraes. Mas teve influencia benefica. Herculano empregava frases causticas; os culpados, os partidarios do alvião e do camartello, do *bota abaixo,* do *vá para terra,* e do *arraza* sentiram as orelhas quentes. Os litteratos repararam.

Eu attribuo ao escripto de Herculano a direcção espiritual revelada em muitos escriptos posteriores e principalmente a orientação de Vilhena Barbosa e de Mendes Leal.

Mendes Leal

José da Silva Mendes Leal publicou em 1868 uma collecção de monographias sob o titulo *Monumentos Nacionaes.* Diz na introducção, em linguagem sobria muito expressiva: «Nos monumentos se levanta visivel a historia de uma nação. Por elles se nortea a jornada atravez dos seculos cerrados de trevas. Estes marcos nos deixaram as gerações para advertencia e para ensino. E quando nem para tal sirvam ninguem lhes disputará o serem attéstados da nobreza dos povos, brazões de sua stirpe, recordações da sua gloria».

Mendes Leal occupa-se do Castello de Almourol, do mosteiro dos Jeronymos, do Paço acastellado da Pena, S. João de Alporão, Sé de Lisboa, da Torre de S. Vicente de Belem. O texto é acompanhado de boas photographias.

Vilhena de Barbosa

O brado de Herculano achou echo, determinou um bello espirito a encetar uma larga série de trabalhos sobre os monumentos historicos de Portugal. Em 1839 começou a publicar-se o *Universo Pitto-*

resco, e ahi appareceram muitas noticias e descripções de edificios com importancia historica e artistica, artigos devidos á pena de Ignacio de Vilhena Barbosa. Póde affirmar-se que este benemerito durante a sua vida toda se dedicou a estudos sobre os monumentos. Muitos dos seus trabalhos estão reunidos em volumes, muitos outros ficaram em publicações periodicas, no *Archivo Pittoresco, Commercio do Porto, Artes e lettras,* etc. Em 1860 appareceram os volumes: *As cidades e villas da monarchia portugueza que teem brazões d'armas.* Em 1874 os 2 volumes: *Estudos historicos e archeologicos.* Em 1886 o bello livro: *Monumentos de Portugal,* em que Vilhena Barbosa trata do mosteiro da Batalha, Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães, e do castello, e da egreja de S. Miguel da mesma cidade; do convento de Christo de Thomar, do palacio real de Cintra, do mosteiro de Alcobaça, da Sé de Braga, castello de Alvito, Carmo de Lisboa, Santa Cruz de Coimbra, Padrão do Campo Pequeno, finalmente de S. Domingos de Bemfica. Esta obra é illustrada com boas gravuras em madeira, do gravador Pedroso; muito lindas.

Ramalho Ortigão, o artista escriptor, publicou em 1896 o *Culto da Arte em Portugal,* lindo livro bem sentido e pensado, estudado, que da primeira á ultima linha revela amor da arte e da patria. Foi um brado de piedade, uma oração pelos monumentos do paiz. Foi lido, é lido, vejo-o muito citado. E todavia quantos vandalismos!

No livro inglez de *Crum Watson,* intitulado *Portuguese Architecture* (London, 1908) se encontram noticias e illustrações de monumentos architectonicos portuguezes com interessantes capitulos sobre a pintura, a ourivesaria ecclesiastica, azulejos; entra em seguida na architectura, no estudo das cathedraes de Affonso Henriques, a influencia franceza dos monges de Clairvaux, a Batalha, cujo plano acha nacional, não estrangeiro, com alguns detalhes inglezes e francezes; os edificios do seculo XV; a influencia mourisca (Cintra, Paço real, Evora, varios trechos), a carpinteria moura, que deixou exemplos em todo o paiz, a arte manuelina, a influencia dos descobrimentos maritimos e ultramarinos, a renascença, e os grandes edificios modernos Mafra, Queluz, Estrella, finalmente a estação monumental da Avenida e o hotel do Bussaco, que não elogia, achando todavia notavel a habilidade dos operarios que revelam paciencia medieval.

A nossa primeira classificação dos monumentos nacionaes não é de origem official, é devida a uma modesta, patriotica e desinteressada associação que tem a sua séde nas ruinas do Carmo; é a *Real Associação dos Architectos é Archeologos Portuguezes.* Vilhena Barbosa apresentou uma relação dos monumentos nacionaes em 1880. A relação tem servido de base a trabalhos modernos considerada por muitos como lista official. Em 1904 o Conselho de Monumentos Nacionaes, ou a sua Commissão executiva, a fez reimprimir com o titulo *Subsidios para a classificação.*

O projecto de classificação actualmente em provas typographicas, divide os monumentos nas classes seguintes:

Monumentos prehistoricos.
» lusitano-romanos.
» suevos.
» medievaes, do renascimento e modernos.
» religiosos.
» militares.
» civis.

Museus de antiguidades

Ha em Lisboa os museus seguintes:

Museu do Carmo, com objectos prehistoricos, romanos, hebraicos, tumulos monumentaes da edade média: modelos de edificios classicos, decalques egypcios, variedade de azulejos.

Museu Nacional de Bellas Artes (Janellas Verdes), pinturas, desenhos, ourivesaria, alfaias religiosas, mobilia, indumentaria. Estão n'este museu duas métopes gregas de valor e alguns mosaicos romanos encontrados no Algarve.

O *Museu Ethnologico*, no edificio dos Jeronymos (Belem), é opulento em antiguidades prehistoricas e romanas. Objectos de ouro, prata, bronze e cobre achados em Portugal. As grandes estatuas romanas provenientes de Mertola brilhariam em qualquer dos grandes museus da Europa. O grupo das inscripções romanas do deus Endovellico é notavel. Antiguidades visigodas.

Museu de Artilheria, no edificio do Arsenal do Exercito. A installação é magnifica, esplendida, salas antigas de rica decoração; salas

modernas com obras d'arte dos principaes artistas portuguezes contemporaneos. Collecção extraordinaria de objectos militares. Armaduras antigas, armas da guerra peninsular, objectos do ultramar. O que mais sobresae é a collecção de peças de artilheria portuguezas e algumas estrangeiras. A peça de Diu, ou o *tiro de Diu*, é objecto rarissimo. Ha *peças* do seculo XV, de ferro, de camara movel, exemplares raros.

Museu da Sociedade de Geographia, monumentos e objectos das colonias portuguezas, padrões dos navegadores. E' especialmente um museu colonial.

Commissão geologica, no edificio da Academia das Sciencias; tem antiguidades prehistoricas, collecção bem disposta para estudo. Collecção rica de ceramica; grupos de craneos do cabeço da Arruda e da Columbeira.

Museu da Academia das Sciencias, raridades, louças preciosas, pedras gravadas, instrumentos de musica, vestuarios exoticos. E' um museu pouco visitado onde ha cousas mui dignas d'observação.

Museu de S. Roque, perto da egreja do mesmo nome, no edificio da Misericordia; é um cofre de joias, uma collecção de enorme valor. E' constituido principalmente pelas alfaias, riquissimas de valor artistico, da famosa capella de S. João Baptista, feita em Roma por ordem de D. João V. Capella, alfaias, paramentos são de arte italiana. E' um deslumbramento de riqueza e arte.

Museus dos coches reaes, no palacio de Belem, singular collecção de coches, berlindas, estufas, arreios e fardamentos, de grande valor artistico.

Na cidade do Porto ha um *Museu Municipal*, com alguns monumentos archeologicos de alto valor. Sarcofago romano, collecção numismatica.

Em Coimbra dois museus importantes o do *Instituto*, com antiguidades prehistoricas, romanas e medievas: e o *Episcopal*, ou de *Arte Christan*, organisado pelo actual bispo-conde que por isto prestou grande serviço a Coimbra e ao paiz. E' muito interessante este museu, e rico; estatuetas ou imagens da idade media, alfaias religiosas de grande valor artistico, e de variedade notavel de manufactura.

Bragança tem o seu *Museu Municipal*, interessante em especies regionaes.

Guimarães tem o *Museu da Sociedade Martins Sarmento* assim chamado em homenagem ao illustre descobridor e explorador da Citania de Briteiros. Este museu está hoje muito desenvolvido.

O dr. Martins Sarmento deixou amigos dedicados que teem continuado a sua obra nobre e patriotica.

Em Aveiro, Figueira da Foz e Santarem ha museus consideraveis que merecem estudo.

Junto á Bibliotheca Publica de Evora está o *Museu Cenaculo*, denominado assim em homenagem a D. Fr. Manuel do Cenaculo Villasboas, o grande arcebispo d'Evora, enthusiasta e generoso collecionador. N'este museu ha monumentos de primeira ordem prehistoricos, romanos, arabes, hebraicos, visigodos e medievaes.

Em Alcobaça, Setubal, Alcacer do Sal, Elvas e Faro, ha museus cada vez mais importantes onde se vão recolhendo os objectos das localidades que juntos formam thesouro e que sem os museus locaes seriam dispersos ou inutilisados. Muitos d'estes museus, tão uteis á historia, á arte, e á educação são devidos á iniciativa particular, ao *caróla* desinteressado e patriota.

Monumentos nacionaes

Alcobaça, mosteiro de Santa Maria. Historico e artistico. Ogival primario no corpo da egreja; claustro de D. Diniz, capella tumular, com os tumulos de D. Pedro I e de Ignez de Castro; esculpturas, estatuas jacentes. Porta da sacristia, unica no seu genero no paiz

Batalha, egreja e convento de Santa Maria da Victoria. Historico e artistico. Ogival, em varios estados, e manuelino. Corpo da egreja, capella do fundador D. João I e de sua mulher D. Philippa de Lencastre, e dos filhos, altos infantes. Casa do capitulo, claustro, capellas imperfeitas.

Belem, Mosteiro de Nossa Senhora de Belem. Historico e artistico; monumento do descobrimento da India. Capellas tumulares. Jazigos de reis, principes; Vasco da Gama, Camões, D. Sebastião, João de Deus, e Garrett. Esculpturas do seculo XVI. Sacristia, lindo claustro, refeitorio, tumulo de Herculano.

Coimbra, Mosteiro de Santa Cruz, egreja, claustro, côro, tumulos de D. Affonso I e D. Sancho I. Pinturas e pulpito.

Sé Velha, historico e artistico. Romanico, tumulos de D. Sesnando, e de Bataça. Capella do Santissimo com notavel estatuaria, porta do Norte, renascença.

Paços da Universidade, historico e artistico. Edificio, reconstrucção de D. João III. Sala dos actos, capella; livraria em sumptuosas salas de D. João V.

Evora, Templo romano, Sé, S. Francisco, artistico e historico. Aqueducto da agua da prata. Frontaria da Graça. Paços de D. Manuel. Espinheiro, Cartuxa.

Guimarães, castello, paços do duque, egreja de S. Miguel.

Lisboa, Carmo, ogival, fundação do condestavel. Aqueducto da agua livre.

Basilica da Estrella, ou do Coração de Jesus.

S. Vicente. Pantheon real.

S. Roque. Capella e thesouro de S. João Baptista. Arte italiana, monumento artistico.

Mafra, Real basilica, convento de Santo Antonio. Egreja de verdadeira magnificencia artistica. Trabalhos portuguezes e italianos. Rendas e bordados italianos.

Thomar, Convento da Ordem de Christo. Egreja dos templarios com a sua charola. Côro, janella do côro, extraordinaria. Claustro de D. João III. Porta da entrada da egreja.

Egreja de Santa Maria do Olival, matriz da Ordem de Christo; fundada pelos templarios, seculo XII.

As cathedraes são todas consideradas monumentos historicos e artisticos. Para a sua conservação teem as suas *fabricas,* parte de rendimentos proprios, ou dos subsidios do Estado.

O Estado tem gasto por vezes quantias avultadas n'este serviço, basta citar os trabalhos actuaes nas sés da Guarda e de Lisboa.

Os palacios reaes consideram-se monumentos nacionaes. Recentemente houve alterações no regimen d'estes edificios; o palacio de Queluz é do Estado; ha poucos dias a Academia das Bellas Artes tomou posse do museu dos coches reaes; extraordinario museu, numeroso, rico e variado; creio que se pode affirmar unico na longa serie dos seus coches, estufas e berlindas que datam desde o seculo XVII, do tempo dos Philippes.

O palacio de Cintra, o paço da villa, é rico de arte e de memorias historicas. A arte arabe, a architectura medieval, manuelina, e do renascimento, a influencia indiatica, ahi estão representadas em exemplares completos, unicos no paiz. Ha uma monographia modelar do paço de Cintra, escripta pelo sr. conde de Sabugosa, e illustrada

com desenhos da nossa Rainha, a sr.ª D. Amelia, que é desenhista eximia.

O palacio de Villa Viçosa, que tem importancia historica e artistica é propriedade particular, da casa de Bragança.

Edificios importantes para o estudo da historia das artes em Portugal, ou somente historicos, não grandiosos porém

Aljubarrota, ermida de *S. Jorge* fundada por D. Nuno Alvares Pereira, pela victoria e pelo seu voto antes da batalha.

Alvito, palacio acastellado, começado em tempo de D. Affonso V. Seculo XV, com grande influencia mourisca. E' actualmente propriedade particular da Casa de Bragança.

Beja, Egreja da Conceição. Fundada em 1467 pelos infantes D. Fernando e D. Beatriz, paes d'el-rei D. Manoel. Resta a frontaria da egreja, notavel, parte da egreja, o claustro (renovado); foi restaurado, cortado, modificado, tiraram-lhe azulejos, passaram a picão e á escoda, ficou como novo. E gastaram-se n'isto dezenas de contos de réis.

Ermida de Santo André.

Caminha, Egreja matriz, de Nossa Senhora da Assumpção. Seculo XV e XVI. E' um dos mais formosos templos que temos no paiz.

Castro Verde, Egreja de Nossa Senhora dos Remedios, e Chagas do Salvador. Construcções commemorativas da batalha d'Ourique, em 1139.

Coimbra. Egreja do Salvador, romanica, fundação do seculo XII. Tem muita cousa da construcção primitiva.

Arco d'Almedina, porta muito antiga da cerca da cidade, monumento historico.

Santa Clara, no côro está o rico mausoleu da rainha Santa Izabel.

Egreja de S. Thiago, romanica, da origem pouco, além do portico tem da construcção primitiva. Está sendo agora reparada, sob as vistas do grande artista Gonçalves.

Gollegã, egreja matriz, do seculo XVI, bom exemplar de estylo manuelino.

Guimarães: Egreja de Nossa Senhora da Oliveira. Egreja roma-

nica reedificada em tempo de D. João I. Na egreja está a pia onde foi baptisado D. Affonso Henriques. O claustro está bem conservado. Torre sineira com a sua capella no pavimento inferior, tumulo com estatuas jacentes muito interessantes.

Thesouro da Senhora da Oliveira. Cota d'armas de D. João I. Altar portatil, triptico de prata, com as armas reaes portuguezas.

Em frente da egreja o padrão, ogival, fundado por D. Affonso IV.

Leça do Balio, egreja de Santa Maria de Leça. Construcção religiosa e militar, reedificada no seculo XV.

Lisboa, Egreja da Conceição Velha. O que resta é o magnifico portal e janellas ou frestões da egreja da Misericordia fundada por el-rei D. Manuel. A egreja ficou destruida no terremoto de 1755.

Lorvão, egreja do mosteiro; muito reedificada, valor historico.

Obidos, egreja do Senhor Jesus da Pedra, obra d'arte de traça original, fundada na primeira metade do seculo XVIII.

Odivellas, hoje Instituto D. Affonso, tumulo d'el-rei D. Diniz, restos ainda do templo primitivo.

Penafiel (concelho de), egreja do Salvador de Paço de Sousa; mosteiro benedictino fundado em 1088. Tumulos de D. Egas Moniz e de seus filhos. Importancia historica e artistica.

Porto, egreja de S. Francisco, fundação do seculo XV, por D. João I. Extraordinaria talha dourada, decoração opulenta do seculo XVII. Egreja da Serra Pilar; monumento da historia moderna.

S. Pedro de Rates, estylo romanico, seculo XI, bem conservado.

Runa, hospital de invalidos militares, fundação da princeza viuva D. Maria Benedicta, inaugurada em 1826. Egreja interessante, obras d'arte. Quadros antigos. Alguma mobilia.

Santarem, S. João d'Alporão, egreja profanada; que dizem ser de construcção romana, com poucas alterações. Hoje está aqui o museu de Santarem, com alguns objectos de valor.

Egreja de Santo Agostinho (Graça); lindo templo do seculo XIV. Está ahi o tumulo de Pedro Alvares Cabral, o descobridor do Brazil, em campa rasa e capella especial. Tumulos grandiosos e artisticos. Em Santarem existem alguns dos mausoleus mais ricos, mais artisticos do paiz (Graça e Alporão).

Setubal, egreja do convento de Jesus, que foi de religiosas franciscanas; fundação de 1489, do architecto Boytac. Portico ogival, frestões com fragmentos de vidraça antiga, columnas de torcidos, de

pedra da Arrabida. Quadros notaveis, flamengos, offerecidos pelo imperador Maximiliano á Rainha D. Leonor.

S. Julião, o portal da face norte, que olha para a praça de Bocage, em manuelino, é muito lindo, ornamentado, e original; nada tem com o portal de Jesus, nem com o dos Jeronymos. Fim do seculo XV (?).

Tarouca, egreja do mosteiro de S. João de Tarouca; seculo XII, com reparações depois. Tumulo de D. Pedro, conde de Barcellos, auctor de parte do *Livro das Linhagens.* D'este litterato e historiador sabe-se onde páram os ossos, caso pouco vulgar entre nós. Quadros pintados em madeira, muito notáveis, de auctor portuguez.

Santo Thyrso, claustro grandioso do seculo XI; de galerias sustentadas em columnas duplas.

Thomar, egreja do S. João Baptista, matriz da cidade. Torre manuelina; portal de trabalho muito saliente e cavado. Pulpito raro, de fina execução. Quadros ou pinturas de muito apreço.

Vianna do Castello, palacio dos viscondes da Carreira, edificio regular, de rica ornamentação, do principio do seculo XV. E' exemplar raro e perfeito de construcção civil.

Tumulos

S. Domingos de Bemfica, tumulo de João das Regras, agora no côro, além do altar-mór da egreja. Tumulo de Frei Luiz de Sousa. Jazigos da casa Fronteira.

Francezinhas, o tumulo da Rainha D. Maria Francisca Izabel de Saboya, e o da princeza D. Izabel, filha de D. Pedro II.

S. Francisco de Paula, o da rainha D. Maria Anna Victoria; todos teem merecimento artistico. O do marquez de Pombal, na egreja das Mercês, valor historico.

Na egreja da Luz, o da infanta D. Maria, filha d'el-rei D. Manoel. Valor historico. N'esta egreja ha valor artistico nos quadros de Venegas e nas esculpturas.

Ha dois tumulos romanos notaveis, um no museu do Porto, outro no do Carmo.

Aqueductos

Evora, aqueducto da Prata. Tempo de D. João III.

Coimbra, obra do tempo de D. Sebastião.

Elvas, construido por impostos populares, pelo real d'agua, imposto em generos de consumo. E' o aqueducto da Amoreira.

Thomar e *Villa do Conde*, teem aqueductos, feitos pelo architecto Filippe Terzio, italiano, em tempo de Filippe I de Portugal (2.º de Castella).

Lisboa, aqueducto monumental das Aguas Livres, no reinado de D. João V, principalmenee a parte comprehendida na ribeira de Carenque onde ha caixas de ventilação, frisos, ornatos de bom desenho e execução.

Monumentos de arte militar antiga, castellos e torres

Alcacer do Sal, historico.

Almourol, castello dos templarios, pittoresco.

Braga, a torre de menagem, apenas.

Bragança.

Beja e a sua torre altiva, de D. Diniz.

Castro Marim, dos cavalleiros de S. Thiago.

Celorico, historico.

Elvas, classificado monumento nacional.

Guimarães, classificado monumento historico.

Lamego.

Leiria, importante, egreja, restos d'um palacio, de que ha projecto de restauração pelo architecto Corrodi.

Monsaraz.

Obidos.

Pombal (templarios, cerca completa).

Palmella (S. Thiago), castello, sua egreja, restos do convento. Linda, extraordinaria vista.

Setubal, Outão, e castello de S. Filippe.

Silves, castello mourisco.

Thomar, da Ordem de Christo.

Monumentos de gratidão nacional aos benemeritos da patria

Braga, monumento de D. Pedro V.

Castello de Vide, monumento de D. Pedro V.

S. Julião da Barra, Monumento de Gomes Freire.

Lisboa, estatua equestre d'el-rei D. José, com o medalhão em bronze do marquez de Pombal. E' uma bella obra d'arte, que está bem na ampla praça, dando-lhe nobreza e realce.

Arco triumphal da Praça do Commercio com as estatuas de Viriato, D. Nuno Alvares Pereira, Vasco da Gama e Marquez de Pombal.

Monumento de D. Pedro IV.

Monumento de Luiz de Camões, com estatuas de outros escriptores notaveis.

Monumento do duque da Terceira.

Monumento da Praça dos Restauradores.

Estatua de José Estevão Coelho de Magalhães.

Monumento do marquez de Sá da Bandeira (arte italiana).

Estatua do grande medico Sousa Martins.

Monumento de Pinheiro Chagas.

Monumento do duque de Saldanha.

Monumentos de Eduardo Coelho, o grande jornalista, e de Eça de Queiroz.

Mattozinhos, estatua de Manoel da Silva Passos.

Guimarães, estatua de Affonso Henriques.

Coimbra, estatua de Felix de Avellar Brotero.

Porto, estatua equestre de D. Pedro IV. *Monumento* de D. Pedro V.

Setubal, monumento a Bocage.

Evora, monumento do dr. Barahona.

Padrões commemorativos de feitos gloriosos ou de acontecimentos notaveis

Alhandra, padrão das linhas de Torres Vedras, memoria da Guerra Peninsular, contra a 3.ª e ultima invasão franceza.

Ameixial, padrão da batalha do Ameixial (guerra da restauração contra a Hespanha).

Arnoso de Pampelido ou *Padrão do Pampelido,* logar do desembarque do exercito libertador em 8 de julho de 1832.

Bussaco, padrão da batalha do Bussaco em 27 de setembro de 1810, victoria do exercito anglo-luso contra o francez.

Campo Pequeno, das pazes entre el-rei D. Diniz e seu filho o infante D. Affonso (depois D. Affonso IV), por intervenção da rainha Santa Izabel.

Castro Verde, padrão da batalha de Campo de Ourique em julho de 1139.

Elvas, padrão da batalha das linhas de Elvas em 14 de janeiro de 1659 (guerra da restauração).

Montes Claros, padrão da batalha de Montes Claros, em 17 de junho de 1665 (guerra da restauração).

Arcos commemorativos

(Alguns de origem duvidosa)

Serra d'Albardos, allusivo a Affonso Henriques e á tomada de Santarem.

Arco ou *marmoiral da Ermida,* tumulo ou descanço no transito funebre de D. Mafalda para o mosteiro de Arouca.

Odivellas, que dizem monumento d'el-rei D. Diniz.

Pendurada, arco do enterro de D. Mafalda; e outros arcos todos ogivaes.

Casas memoraveis

Casa onde falleceu Almeida Garrett.

Casa onde falleceu o poeta Castilho.

Casa onde falleceu o poeta Bocage.

Casa dos Bicos, tão notavel, que foi de Braz d'Albuquerque, filho de Affonso d'Albuquerque.

Palacio do conde d'Almada, ponto de reunião dos conspiradores de 1640.

Pelourinhos com valor artistico

Lisboa, columna aberta.
Setubal, columna romana, achada no reinado de D. Maria I.
Collares, egual ao de Cintra que desappareceu.

Cruzeiros notaveis

Lisboa. Arroyos, muito interessante, hoje dentro da egreja de S. Jorge; estava no centro do largo d'Arroyos.
Leça do Balio.
Porto de Mós.

Cippos, columnas miliarias ou marcos d'estrada, nas vias militares romanas. Memorias epigraphicas.
Em Braga, columnas miliarias do caminho da Geira, estrada militar romana.
As memorias epigraphicas romanas dos museus de Faro, Beja, Evora. Muitas lapidas romanas do Alemtejo, entre as quaes é notavel o grande grupo das inscripções de Endovellico, estão no Museu de Belem (Jeronymos).
Ha pedras com lettreiros em caracteres não decifrados que tem chamado celtibericas; não são romanas, encontram-se associadas a objectos pre-romanos.
Povoações (restos de) antigas, como em Cetobriga em frente de Setubal. Ossonoba, Estoi, no Algarve, romana. Greco-archaicas em Alcacer do Sal. Citanias no Minho, na Beira, Tras-os-Montes protohistoricas, algumas com influencias romanas.

Monumentos prehistoricos — Megalithicos, Antas e Mamunhas

São construcções sepulcraes. Não são aras gentilicas, celticas. Nem liguricas; da gente ligurica de que muito se fala ha tempo.
Encontram-se em varios pontos do paiz. Mamunhas ao norte,

antas principalmente ao sul. Em grupos as antas ou dolmens. *Ancora* no Minho. Vizinhanças da serra da Estrella, a poente. Castello de Vide. Arredores de Elvas. Arredores de Evora.

Apontei unicamente os monumentos mais notaveis; são restos do veneravel passado que nos cumpre estimar e conservar. Os monumentos moveis, objectos de valor artistico ou historico guardam-se no Museu Nacional de Bellas Artes (Janellas Verdes, Lisboa), e nos outros museus já indicados, nos thesouros das cathedraes (Lisboa, Evora, Coimbra, Braga), na egreja da Oliveira em Guimarães; ás vezes em humildes egrejas da provincia encontram-se antigos objectos d'arte, mobilia, tecidos, couros lavrados, azulejos, alfaias religiosas, que é preciso guardar com zelo e carinho. São fragmentos historicos e artisticos que devemos transmittir aos vindouros, para que elles nos não chamem vandalos.